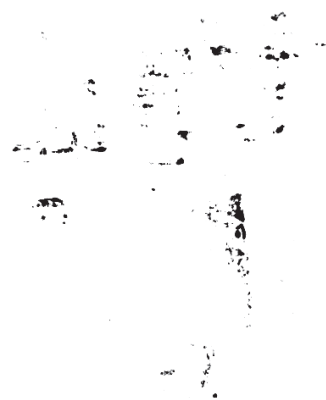




**4. “ESTA É
UMA HISTÓRIA
SOBRE NERDS E
POLICIAIS”:
PREDPOL E
POLICIAMENTO
ALGORÍTMICO**



Agora é possível prever o futuro no que diz respeito ao crime: identificar suas tendências, antecipar os pontos críticos na comunidade, refinar as decisões de alocação de recursos e garantir a maior proteção para os cidadãos da maneira mais eficiente.

— Colleen McCue,
*Data Mining and Predictive Analysis*²⁰³

Depois de pesquisar no Google sobre o software da *startup* de policiamento PredPol²⁰⁴ (abreviação para “*predictive policing*” [policiamento preditivo]), algo estranho aconteceu – anúncios da PredPol ficavam reaparecendo em meu *feed* do Twitter. Até aquele momento, a PredPol não estava no meu radar – eu me deparei com a empresa enquanto fazia uma pesquisa preliminar sobre o uso da análise preditiva nas práticas atuais da polícia. Mas a PredPol forçou sua entrada em minha consciência com seu fluxo incessante de propagandas anunciando que a empresa ajudava a “construir comunidades mais seguras”. O primeiro anúncio que encontrei em meu *feed* dizia o seguinte: “Somos mais do que uma ferramenta de identificação de pontos críticos. Nós ajudamos as agências policiais a construir comunidades mais seguras sem a necessidade de utilização de dados pessoais.”

O anúncio tentou me garantir que a empresa não estava monitorando meu comportamento. Como ele provavelmente só apareceu no meu *feed* por causa das minhas pesquisas no Google, isso foi um tanto perturbador. Alguns dias se passaram sem que eu pensasse muito sobre a PredPol ou em seus anúncios assustadores no *feed* do meu Twitter. Nesse meio tempo, eu tuitei, para alguns de meus amigos interessados em tecnologia e policiamento, um ensaio que eu estava desenvolvendo sobre policiamento preditivo. Em resposta a um *tweet* meu sobre o uso de dados e policiamento, @newyorkyearzero observou que as inovações metodológicas não

203. Colleen McCue, *Data Mining and Predictive Analysis*. Nova York: Butterworth-Heinemann, 2006, p. xiii.

204. N.T.: A PredPol é uma *startup* californiana que, em software homônimo, usa um algoritmo elaborado primeiramente para a previsão de fenômenos naturais (como o terremoto) para prever o comportamento da criminalidade.

eram o único elemento que se destacava no programa policial de análise estatística CompStat, mas também a forma como este apresentava a “ciência” policial para o público. Respondi que o uso de estatísticas criminais para legitimar a polícia e as prisões não era nenhuma novidade; desde o final do século XIX, abordagens baseadas em dados estatísticos para entender o crime têm sido usadas para perpetuar a institucionalização da violência antinegro e legitimar o policiamento. Outros intelectuais ativistas entraram na conversa e compartilharam links para artigos, e anúncios da PredPol começaram a aparecer também em seus *feeds*, bem como nos *feeds* de seguidores meus no Twitter que passaram por lá, mas não participaram da troca.

A abordagem policial baseada nos dados da PredPol e as táticas agressivas de marketing implementadas pela empresa para legitimar seus métodos fazem dela um caso ideal a ser examinado na tentativa de entender a virada algorítmica no policiamento. A PredPol se vale de muitos dos princípios do paradigma da “ciência policial” para resolver duas crises contemporâneas: a crise de legitimidade sofrida pela polícia e uma crise epistemológica mais ampla, que poderia ser chamada de crise de incerteza. Neste ensaio, critico o emprego generalizado do software PredPol no sentido de que ele: 1) afirma a inevitabilidade do crime e cria zonas de paranoia; 2) gera falsos positivos que podem ser usados na promoção do produto; e 3) despolariza o policiamento e a construção do crime.



PredPol e o policiamento algorítmico

O uso de análises preditivas é bastante comum no setor comercial. As compras que fazemos no supermercado são usadas para determinar quais cupons serão impressos com nosso recibo, enquanto nossas compras pretéritas na Amazon são usadas para gerar um *feed* infinito de recomendações de produtos. No setor policial, porém, a adaptação da análise preditiva acontece de forma mais gradual – embora nos últimos anos tenha havido um impulso

substancial da indústria de tecnologia para desenvolver tecnologia para o policiamento preditivo. A IBM gastou mais de US\$ 14 bilhões no desenvolvimento de softwares de análise preditiva para os setores comercial e policial. No final de 2013, a PredPol sozinha recebeu um aporte inicial de US\$ 1,3 milhões de investidores do Vale do Silício.²⁰⁵

Os fundamentos ideológicos da PredPol, bem como de outras tecnologias de policiamento preditivo, podem ser atribuídos a George Kelling, um criminologista afiliado ao conservador Instituto Manhattan. Desde a década de 1980, ele defende o uso da análise estatística na distribuição mais eficiente dos recursos para o policiamento. Em meados da década de 1990, o CompStat foi introduzido no Departamento de Polícia de Nova York (NYPD), incentivando os policiais a tomarem decisões sobre quais áreas policiar com base em análises estatísticas, e não mais na intuição. Desde a década de 1990, mais de 150 departamentos de polícia em todo o país adotaram softwares e equipamentos de policiamento que promovem análises estatísticas. De acordo com o *SF Weekly*, “em 2009, quando o Instituto Nacional de Justiça (o braço de pesquisa e política pública do Departamento de Justiça) publicou uma série de relatórios informativos e distribuiu milhões em subsídios a sete departamentos policiais para que realizassem a tarefa, o interesse pelo policiamento preditivo disparou em todo o país.”²⁰⁶

O Departamento de Polícia de Los Angeles (LAPD) recebeu um desses repasses para realizar pesquisas sobre o policiamento preditivo. Ao mesmo tempo, a Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) estava conduzindo pesquisas financiadas pelo exército, marinha e aeronáutica que usavam algoritmos – baseados em previsões de terremotos – para rastrear insurgentes e prever situações problemáticas em zonas de guerra no exterior. O software, que foi usado pela primeira vez no Iraque e depois evoluiu para o

205. Mark Andrejevic, *Infoglut: How Too Much Information Is Changing the Way We Think and Know*. Nova York: Routledge, 2013, p. 28.

206. Darwin Bond-Graham e Ali Winston, “All Tomorrow’s Crimes: The Future of Policing Looks a Lot Like Good Branding”, *SF Weekly*, 30 de outubro de 2013.

PredPol, foi idealizado por um professor de antropologia, Jeffrey Brantingham; um professor de matemática, Andrea Bertozzi; e um pesquisador de pós-doutorado em matemática, George Mohler.

Sean Malinowski, que supervisionou os repasses para o policiamento preditivo do LAPD, vinculou os esforços deste aos métodos de policiamento preditivo em desenvolvimento na UCLA. Malinowski havia frequentado a Academia Nacional de Polícia Egípcia no Cairo, onde estudou contraterrorismo. Mais tarde, quando Mohler, que se tornou professor na Universidade de Santa Clara, fez contato com Ryan Coonerty, Caleb Baskin e Zach Friend, o projeto de pesquisa financiado pelo governo federal se transformou numa *startup* do Vale do Silício. Mohler observou que “Zach conhecia a mídia – ele havia trabalhado na assessoria de imprensa da campanha de Obama em 2008. Quando a *PopSci* e o *The New York Times* publicaram a história, o projeto deslançou.”²⁰⁷ Assim, os desenvolvedores do PredPol não estavam preocupados apenas em criar uma ferramenta que tornasse o policiamento mais eficiente, mas também em construir uma marca que despertasse o interesse da mídia.



A crise de legitimidade

No século XX, a brutalidade policial e a violência contra pessoas de cor foram historicamente catalisadores de levantes, revoltas e distúrbios civis nos Estados Unidos. Na era pós-direitos civis, a revolta que mais marcou a imaginação popular foi a que eclodiu em 29 de abril de 1992, em Los Angeles, após a absolvição dos quatro policiais acusados do espancamento de Rodney King.²⁰⁸ Embora

207. “Dr. George Mohler: Mathematician and Crime Fighter”, *Data-Smart City Solutions*, 8 de maio de 2013.

208. N.T.: O documentário da National Geographic “LA 92” retrata a revolta negra em Los Angeles contra a absolvição dos policiais brancos envolvidos no linchamento de Rodney King. Ele também retoma a revolta de Watts de 1965, em Los Angeles, quando um policial prendeu um morador negro sem provas. No filme da peça “Rodney King”, dirigida por Spike Lee,

a revolta de 1992 tenha sido a maior que os Estados Unidos viram desde 1960, várias outras, desencadeadas pela violência policial contra jovens negros, também ocorreram em cidades como Cincinnati (2001), Oakland (2009) e, mais recentemente, Ferguson (2014).

Nos últimos anos, houve uma mudança na percepção que a população tem sobre a polícia. Em 2014, a American Civil Liberties Union [União Americana pelas Liberdades Cíveis] divulgou um longo relatório sobre a militarização da polícia, utilizando como base informações que coletou depois de protocolar mais de 255 solicitações da Lei de Liberdade de Informação em 2013. As interações entre a polícia e os movimentos sociais também moldaram a percepção pública que se tem da polícia. Em 2011, as prisões em massa e as dispersões violentas de manifestantes que participaram do movimento *Occupy Wall Street* geraram um debate público sobre a militarização da polícia e o uso excessivo da força contra manifestantes pacíficos. Embora liberais e radicais tenham tido, num primeiro momento, uma postura ambivalente quanto à forma como esses movimentos sociais emergentes deveriam lidar com a polícia, o discurso se deslocou para uma postura mais crítica à instituição.

Nos últimos anos, a crescente crise de legitimidade da polícia ficou patente com a onda de levantes urbanos e suburbanos que ocorreram em resposta ao assassinato de jovens negros por policiais e à discriminação racial generalizada (campanhas mais recentes também incluíram mulheres, pessoas trans e de gênero não binário). Em 2011, no auge do programa *stop-and-frisk* [parar e revistar] da cidade de Nova York, 87% das pessoas que foram paradas e revistadas pela polícia eram negras ou latinas.²⁰⁹ Em 2012, ocorreram manifestações massivas contra o *stop-and-frisk* na cidade de Nova

Roger Guenveur Smith interpreta as angústias e contradições de Rodney, que, apesar de estar no centro das motivações da revolta de 1992, se posicionou, de forma constrangedora, contrário aos protestos.

209. Essa estatística está baseada nos relatórios trimestrais “Stop Question & Frisk Activity” do Departamento de Polícia de Nova York, que foram analisados pela New York Civil Liberties Union. Ver “Stop-and-Frisk Data”, New York Civil Liberties Union, 2014. <http://www.nyclu.org/content/stop-and-frisk-data>.

York e, em 2013, Bill de Blasio foi eleito prefeito com a promessa de reformar o programa. As revoltas e protestos em Ferguson, desencadeados pelo assassinato de Mike Brown, e as manifestações massivas que eclodiram a partir das decisões do *grand jury* [grande júri]²¹⁰ de não acusar os policiais que assassinaram Mike Brown e Eric Garner marcam o auge da crise de legitimidade da polícia. Dentro e fora dos Estados Unidos, as pessoas estão cantando: “*No justice, no peace, no racist police*” [Sem justiça não há paz, chega de polícia racista].

De acordo com o Instituto Nacional de Justiça, “pesquisas mostram reiteradamente que as minorias são mais propensas do que os brancos a enxergar os policiais com suspeita e desconfiança.”²¹¹ Essa desconfiança da polícia é generalizada entre as comunidades de cor há muito tempo. Na última meia década, a maioria das grandes revoltas e levantes urbanos ocorridos nos Estados Unidos foi desencadeada pela violência policial. O sentimento antipolícia também havia se tornado amplamente visível no final da década de 1960, quando o Partido dos Panteras Negras (BPP) formou patrulhas armadas para “policiar a polícia” nos bairros negros. O BPP afirmou que a brutalidade policial era uma pedra angular do

210. N.E.: O “grande júri”, também traduzido para o português como júri de acusação, não possui equivalente no sistema jurídico brasileiro. É uma espécie de júri preliminar, que decide pelo recebimento ou rejeição da acusação ao verificar se há indícios suficientes de autoria e materialidade do crime para se dar início à ação penal. Nesse sentido, esse corpo de jurados não julga efetivamente o réu, mas apenas funciona como um juízo de admissibilidade. O júri que conduzirá o julgamento do réu é o “*petit jury*” ou “*trial jury*”, este sim assemelhando-se ao júri brasileiro com relação ao seu momento processual. Há diversas diferenças – e poucas semelhanças – entre o instituto do júri nos sistemas jurídicos brasileiro e estadunidense. No Brasil, por exemplo, existe julgamento por júri apenas em casos de crimes dolosos contra a vida, enquanto nos Estados Unidos os julgamentos por júri ocorrem tanto em causas penais quanto cíveis.

211. “Race, Trust, and Political Legitimacy”, National Institute of Justice, 14 de julho de 2016. <https://www.nij.gov/topics/law-enforcement/legitimacy/Pages/welcome.aspx>.

racismo estadunidense, e também popularizou o uso do termo depreciativo “porco” [*pig*] para se referir aos policiais.²¹²

A legitimidade da polícia sempre foi questionada pelas pessoas que mais sofrem com o policiamento. As pessoas negras e marrons pobres são rotineiramente paradas, revistadas, assediadas, vigiadas e forçadas a viver sob a intensa luz dos enormes holofotes instalados ao redor dos projetos habitacionais da Secretaria de Habitação da Cidade de Nova York, sob o programa “Onipresença” do Departamento de Polícia. No entanto, nos últimos anos, esse descontentamento se generalizou como resultado dos levantes e protestos de rua que se iniciaram a partir dos casos de violência policial, bem como da rápida disseminação de imagens impactantes de assassinatos policiais capturadas por telefones celulares.

Em 2011, a Faculdade de Políticas Públicas John F. Kennedy, da Universidade de Harvard, e o Instituto Nacional de Justiça publicaram um artigo intitulado “*Police Science: Toward a New Paradigm*” [Ciência policial: rumo a um novo paradigma], cujas ideias foram desenvolvidas na Sessão Executiva sobre Policiamento e Segurança Pública, realizada na Universidade de Harvard. O artigo clama por uma “reforma radical do papel da ciência no policiamento” que priorize políticas baseadas em evidências e enfatize a necessidade de uma colaboração mais estreita entre universidades e departamentos de polícia.²¹³ No parágrafo inicial, os autores David Weisburd e Peter Neyroud afirmam que “o avanço da ciência no policiamento é essencial para que a polícia obtenha apoio público e legitimidade”.²¹⁴ Dado que os críticos da polícia associam o policiamento ao uso arbitrário da força, à dominação racial e ao poder discricionário de tomar decisões sobre quem vai viver e quem vai morrer, a reformulação da polícia – que coloca em primeiro plano a impessoalidade estatística e remove simbolicamente a agência

212. Ver a ampla história do Partido dos Panteras Negras contada por Joshua Bloom e Waldo E. Martins em *Black Against Empire: The History and Politics of the Black Panther Party* (Berkeley: University of California Press, 2013).

213. David Weisburd e Peter Neyroud, “Police Science: Toward a New Paradigm”, *New Perspectives in Policing*, janeiro de 2011, p. 1.

214. Ibid.

individual dos policiais – é uma maneira inteligente de definir sua atividade como neutra, imparcial e racional. Isso ignora o fato de que usar dados criminais coletados pela polícia para determinar os locais para onde os policiais devem se dirigir simplesmente os envia para patrulhar os bairros pobres que historicamente já patrulhavam quando eram guiados por suas intuições e preconceitos.

Esse “novo paradigma” não é meramente uma reformulação dos modelos e práticas usados no policiamento, mas uma revisão da imagem pública da polícia por meio da implementação da objetividade como exigência da ciência. Como Zach Friend – o homem por trás da estratégia de mídia da PredPol – observou em uma entrevista, “parece ficção científica, mas está mais para fato científico”.²¹⁵ Ao apelar para o “fato” e reformular a prática policial como uma ciência neutra, o policiamento algorítmico tenta resolver a crise de legitimidade da polícia.



A crise de incerteza

Se a repressão tem, no capitalismo cibernético, o papel de combater um evento, a previsão é o seu corolário, pois visa a eliminar todas as incertezas ligadas a todos os futuros possíveis. Essa é a aposta das tecnologias estatísticas. Enquanto as tecnologias do Estado Provedor estavam voltadas para a antecipação de riscos, fossem eles previsíveis ou não, as tecnologias do capitalismo cibernético visam a multiplicar os domínios da responsabilidade.

— Tiqqun, “L’hypothèse cybernétique”²¹⁶

A incerteza é, ao mesmo tempo, um problema de informação e um problema existencial que molda a forma como habitamos o mundo. Se admitirmos que existimos em um mundo que é fundamentalmente inescrutável para o indivíduo, também admitiremos

215. “PredPol on Current TV with Santa Cruz Crime Analyst Zach Friend”, vídeo, 4 de março de 2013. <https://youtu.be/8uKor0nfsdQ>.

216. Tiqqun, “L’hypothèse cybernétique”, *Tiqqun 2*, p. 57.

estar vulneráveis a uma variedade de riscos que estão fora de nosso controle. Quanto menos “no controle” nos sentimos, mais desejamos a ordem. Esse desejo pela lei e pela ordem – que aumenta quando tomamos conhecimento de nossa vulnerabilidade corporal a potenciais ameaças desconhecidas por nós – pode ser estrategicamente manipulado por empresas que usam práticas de policiamento algorítmico para prevenir o crime e o terrorismo, tanto dentro como fora do país. Catástrofes, guerras e epidemias de crime podem aprofundar ainda mais nosso desejo coletivo por segurança.

Na era da “*big data*”, a incerteza é apresentada como um problema de informação que pode ser superado com uma coleta abrangente de dados, com análises estatísticas capazes de identificar padrões e correlações e com algoritmos que podem determinar resultados futuros a partir da análise de resultados passados. O policiamento preditivo promete remover o terror existencial de não sabermos o que vai acontecer por meio do uso de dados que fornecem um conhecimento preciso sobre onde e quando um crime ocorrerá. Os dados se apresentam como uma solução para o problema da incerteza, alegando trazer total ciência e superar as limitações analíticas humanas. Como Mark Andrejevic escreve em *Infoglut* [Excesso de informação]: “A promessa do processamento automatizado de dados é trazer à luz os padrões que são complexos demais para que sejam detectados por um analista humano e executar as simulações que geram os padrões emergentes que, de outra maneira, colocariam em cheque nosso poder de previsão.”²¹⁷

O coletivo anônimo francês de esquerda radical Tiqqun relaciona o surgimento da crise de incerteza ao surgimento da cibernética. O Tiqqun descreve a cibernética – uma disciplina fundada por Norbert Wiener e outros na década de 1940 – como uma ideologia de gerenciamento, auto-organização, racionalização, controle, automação e precisão técnica. De acordo com o Tiqqun, essa ideologia criou raízes logo após a Segunda Guerra Mundial. Com o objetivo de superar a crise, a instabilidade e o desequilíbrio, a cibernética busca resolver “o problema metafísico da criação da ordem a partir da desordem”, que o Tiqqun afirma ser um subproduto inerente ao

217. Mark Andrejevic, *Infoglut*, p. 21.

crescimento capitalista.²¹⁸ No entanto, o problema “metafísico” da incerteza criado pela crise permite que a ideologia cibernética crie suas raízes. Baseando-se no *Estado de exceção* de Giorgio Agamben, o Tiquun escreve: “O estado de emergência, que é próprio de todas as crises, é o que dá à autorregulação um novo impulso.”²¹⁹ Mesmo que quase todas as medições indiquem que “os estadunidenses agora vivem em uma das épocas menos violentas da história do país”, eles acreditam que os índices de criminalidade estão subindo.²²⁰ Empiricamente, não há fundamentos para a crença de que existe uma explosão de crimes sem precedentes que ameaça desestruturar a sociedade, mas os investimentos afetivos nessa visão de mundo expandem o domínio da vigilância e do policiamento e autorizam o que Manuel Abreu chama de “necropoder algorítmico”.²²¹ O cálculo de risco do estado de segurança, feito por meio das técnicas de mineração de dados, autoriza colocar as “ameaças” sob a mira da morte ou do desaparecimento. Embora o objetivo do policiamento algorítmico seja reduzir o crime de maneira ostensiva, se não houver ameaças sociais a gerenciar, essas empresas estarão fora do mercado.

Quer aceitemos ou não a explicação do Tiquun sobre como o crescimento capitalista gera uma crise metafísica que permite a instalação da governança cibernética, é evidente que a PredPol recorre ao nosso desejo por certeza e segurança sobre o futuro. O professor Brantingham, da UCLA, enfatiza em sua promoção da PredPol que “os humanos não são tão imprevisíveis quanto se pensa”.²²² Baseando-se em noções evolutivas do comportamento humano, Brantingham descreve os criminosos como forrageadores urbanos modernos, cujos desejos e padrões de comportamento podem ser previstos. Ao reduzir os atores humanos a seus instintos inatos e

218. Tiquun, “L’hypothèse cybernétique”, p. 45.

219. Ibid., p. 52.

220. Matt Ford, “What Caused the Great Crime Decline in the U.S.?” *The Atlantic*, 15 de abril de 2016.

221. Manuel Abreu, “Incalculable Loss”, *The New Inquiry*, 19 de agosto de 2014.

222. Ronnie Garrett, “Predict and Serve”, *Officer.com*, 10 de janeiro de 2013.

aplicar modelos matemáticos complexos para rastrear o comportamento desses “caçadores-coletores” urbanos, o modelo de policiamento preditivo de Brantingham tenta criar “ordem” a partir da aparente desordem do comportamento humano.



Mas o que o PredPol realmente faz? Como, de fato, isso funciona? O PredPol é um software que usa algoritmos proprietários (modelados a partir de equações usadas para prever tremores subsequentes a terremotos) para determinar onde e quando crimes ocorrerão, tendo como base conjuntos de dados de crimes anteriores. Em Santa Cruz, na Califórnia, uma das cidades-piloto onde o PredPol foi testado, a empresa utilizou onze anos de dados criminais locais para elaborar previsões. Nos departamentos de polícia que usam o PredPol, os policiais recebem mapas impressos da jurisdição, em que são sobrepostos quadrados vermelhos que indicam onde os crimes supostamente ocorrerão ao longo do dia. Os policiais devem patrulhar periodicamente os quadrados marcados no mapa na esperança de capturar os criminosos ou dissuadi-los antes que cometam os crimes. Esses quadrados são uma espécie de *zona de crime temporária*: uma área geoespacial gerada por modelos matemáticos desconhecidos pelos policiais comuns, de quem os algoritmos são ocultados, embora eles possam ter acesso aos dados usados na elaboração das previsões.

Qual é a atitude ou mentalidade dos policiais que patrulham um desses quadrados? Quando adentram um desses quadrados, eles esperam tropeçar em um crime que esteja ocorrendo? Como a expectativa de encontrar um crime pode influenciar o que os policiais realmente encontram? As pessoas que passarem por essas zonas de crime temporárias enquanto estiverem sendo patrulhadas por policiais serão automaticamente consideradas suspeitas? A simples passagem por um desses quadrados vermelhos pode constituir uma causa provável? Algumas dessas perguntas já foram feitas

por críticos do PredPol. Como Nick O'Malley observa em um artigo sobre o PredPol, “grupos de direitos civis estão levando a sério [essa] preocupação porque a designação de uma área como um ponto crítico para o crime pode ser usada como um fator na formulação de uma ‘suspeita racional’ para a detenção de um suspeito.”²²³

Quando o policial de Cleveland, Timothy Loehmann, chegou ao local em 22 de novembro de 2014, levou menos de dois segundos para atirar fatalmente em Tamir Rice, um menino negro de 12 anos que se divertia com uma arma de brinquedo. Isso levanta a questão: se os policiais já têm propensão a atirar, os pequenos quadrados vermelhos que marcam as zonas de crime temporárias reduzirão o tempo de reação dos policiais quando estiverem dentro desses espaços designados? De que maneira a rotulação de um espaço como uma área em que um crime ocorrerá afeta a forma como a polícia interage com esse espaço? Embora o PredPol conceitualize o terreno que está sendo policiado como um campo onde ocorrem eventos naturais, a maneira como os dados são visualizados e interpretados não é um reflexo límpido da realidade empírica; em vez disso, é a visualização desses dados que *constrói* ativamente nossa realidade.

Além disso, como os civis se sentem ao passar por um desses quadrados? Se um dia eu me encontrasse com um policial em um quadrado vermelho invisível, teria motivo extra para ter medo ou, no mínimo, estaria ciente do fato de que poderia ser considerada suspeita. Mas, como estou excluída do conhecimento de onde e quando os quadrados vermelhos aparecerão, não posso saber o momento em que me encontro em uma dessas zonas de crime temporárias. Usando métodos inescrutáveis aos cidadãos, que não têm acesso ao conhecimento nem à infraestrutura do policiamento, o PredPol está refazendo e reorganizando o espaço pelo qual nos movemos. Essa é a natureza do policiamento algorítmico; a experiência fenomenológica desse tipo de policiamento é qualitativamente diferente do policiamento “repressivo”, que ocorre em um terreno visível e usa métodos que podem ser analisados e

223. Nick O'Malley, “To Predict and to Serve: The Future of Law Enforcement”, *Sidney Morning Herald*, 31 de março de 2013.

contestados. O policiamento preditivo pode levar à sensação de estarmos sendo vigiados o tempo todo por um olho que não podemos ver. Se o desenho do “panóptico” de Jeremy Bentham, no século XVIII, é a corporificação arquitetônica da concepção de poder disciplinar de Michel Foucault, então o policiamento algorítmico representa a inscrição desse mesmo poder em todo o terreno que está sendo policiado.



Falsos positivos

Dada a dificuldade em se medir a eficácia dos métodos de policiamento preditivo, existe o risco de associar falsamente os resultados “positivos” da aplicação da lei ao uso de softwares como o PredPol. A literatura sobre o PredPol também é confusa sobre a questão de como medir o seu sucesso. Quando os policiais são enviados aos quadrados de 150 por 150 metros marcados em vermelho nos mapas da cidade, espera-se deles que peguem os criminosos em flagrante ou que impeçam o crime com sua presença? A primeira opção sugere que o aumento das detenções nas áreas designadas seria um indicativo de sucesso, enquanto a última indica que uma redução no crime é prova da eficácia do software. No entanto, ambos os resultados foram usados para validar o sucesso do PredPol. Um vídeo em sua conta oficial no YouTube narra a história de como o Departamento de Polícia de Norcross (Geórgia) pegou dois ladrões no momento em que arrombavam uma casa. Da mesma forma, um artigo sobre o PredPol, publicado no *Officer.com*, é iniciado com a seguinte anedota: “Recentemente, um policial de Santa Cruz, Califórnia, percebeu um sujeito suspeito, de tocaia, perto de uns carros estacionados. Quando tentou fazer contato, o sujeito fugiu. O policial iniciou a perseguição; quando pegou o sujeito, descobriu que estava em liberdade condicional e era procurado. Por haver um mandado de prisão pendente, o sujeito foi levado pra cadeia.”²²⁴

224. Ronnie Garrett, “Predict and Serve”.

Grande parte dos materiais da PredPol utilizados em seu marketing oferece relatos um tanto místicos sobre a capacidade profética do software de prever crimes, amparados por anedotas de policiais que esbarram com criminosos em flagrante. No entanto, a PredPol afirma consistentemente que sua eficácia pode ser medida pela redução da criminalidade. Em todo caso, por todo o país, as taxas de criminalidade vêm caindo desde meados da década de 1990. Em alguns casos, a empresa tenta levar o crédito por essa queda – ainda que nem sempre de maneira explícita –, sugerindo que existe uma relação causal entre o uso do PredPol e a diminuição nas taxas de criminalidade. Em um artigo disponibilizado no *site* da PredPol, Ronnie Garrett observa: “Quando Santa Cruz implementou o software de policiamento preditivo em 2011, a cidade, de quase 60.000 habitantes, estava prestes a atingir um número recorde de roubos. Mas, em julho, esse número caiu 27% em comparação com julho de 2010.”²²⁵ Contudo, as taxas de criminalidade flutuam de um ano para o outro e é impossível analisar quais fatores podem estar conectados à redução do crime. Embora o artigo não atribua explicitamente a redução do crime ao PredPol, ele vincula implicitamente o seu uso à redução do roubo em 27%, justapondo as duas ocorrências separadas – a adoção do PredPol e a redução dos roubos – de modo a construir uma relação presumidamente causal. O artigo vai em frente e faz uso das explicações feitas por Zach Friend (sobre como e por que o PredPol funciona) para validar sua eficácia. Friend é descrito como “um analista criminal do Departamento de Polícia de Santa Cruz”; entretanto, Friend deixou o Departamento de Polícia de Santa Cruz para se tornar um dos principais lobistas da PredPol logo após a fundação da empresa.

Ao examinar os circuitos de relações públicas que conectam os pesquisadores da UCLA à polícia e os investidores do Vale do Silício à mídia, é possível perceber que praticamente todas as afirmações sobre a eficácia do PredPol retornam à própria empresa. Embora o *site* da PredPol anuncie “resultados de campo cientificamente comprovados”, nenhuma parte desinteressada jamais comprovou as afirmações da empresa. O que é ainda mais

225. Ibid.

preocupante é que a PredPol ofereceu 50% de desconto no software para os departamentos de polícia que concordassem em participar do programa-piloto da empresa como “cidades-vitrine”. O programa exigia que os departamentos de polícia colaborassem com a empresa por três anos e que fornecessem testemunhos que pudessem ser usados na comercialização do software. Por exemplo, o *SF Weekly* observa que:

a cidade de Alhambra, a nordeste de Los Angeles, comprou o software da PredPol em 2012 por US\$ 27.500. O contrato entre Alhambra e a PredPol inclui várias obrigações exigindo que a cidade realize propaganda e marketing em nome da PredPol. A polícia e os funcionários públicos de Alhambra devem “fornecer testemunhos, conforme solicitado pela PredPol”, bem como “referências e facilitar apresentações a outras agências que possam utilizar a ferramenta PredPol”.²²⁶

Em “*The Difference Prevention Makes: Regulating Preventive Justice*” [A diferença que faz a prevenção: regulando a justiça preventiva], David Cole descreve cinco grandes riscos que vêm com a adoção do “paradigma da prevenção” no policiamento. Ele observa que “não é só que não podemos saber a eficácia da prevenção; nossas avaliações estarão, provavelmente, sistematicamente distorcidas”.²²⁷ Outros manifestaram preocupações semelhantes com o PredPol. De acordo com O’Malley, “a *American Criminal Law Review* manifestou preocupações de que o programa poderia deformar as estatísticas criminais, seja aumentando a taxa de detenções nos quadrados vermelhos, por meio de policiamento extra, ou reduzindo-a falsamente, por meio da dispersão policial”.²²⁸

226. Darwin Bond-Graham e Ali Winston, “All Tomorrow’s Crimes”.

227. David Cole, “The Difference Prevention Makes: Regulating Preventive Justice”, *Criminal Law and Philosophy*, 2014, p. 5.

228. Nick O’Malley, “To Predict and to Serve”.



A política dos dados do crime

O crime nunca foi uma categoria neutra. O que é considerado crime, quem é rotulado como criminoso e quais áreas são policiadas foram historicamente racializados. Brantingham, o antropólogo que ajudou a criar o PredPol, observou: “O foco nos dados de tempo e localização – em vez da demografia pessoal dos criminosos – reduz potencialmente qualquer preconceito que os policiais possam ter em relação à raça ou ao status socioeconômico dos suspeitos”. Embora seja verdade que o PredPol é uma forma especializada de policiamento preditivo que não mira indivíduos nem gera *heat lists*, o policiamento algorítmico espacial, mesmo quando não usa a raça para fazer previsões, pode facilitar a produção de um perfil racial a partir do cálculo de um substituto da raça, como a vizinhança e a localização. Além disso, os modelos preditivos são tão bons quanto os conjuntos de dados que utilizam para fazer previsões, e por isso é importante interrogar *quem* coleta os dados e *como* eles são coletados. Ainda que os dados sejam entendidos como frações neutras de informação sobre nosso mundo e nossos comportamentos, no domínio da justiça criminal, eles são um reflexo de quem se tornou alvo da vigilância e do policiamento. Se alguém cometer um crime em uma área que não é fortemente policiada – como em Wall Street ou nos subúrbios brancos –, nenhum dado será gerado. A confiança da PredPol nos dados podres coletados pela polícia pode criar um círculo vicioso que leva à calcificação das práticas policiais racializadas. Além disso, quando aplicada ao policiamento preditivo, a ideia de que “quanto mais dados melhor”, pois isso melhoraria a precisão e a eficiência, justifica a vigilância por atacado e a expansão do policiamento e das operações carcerárias que geram os dados.

Embora o PredPol se apresente como racialmente neutro, sua compreensão de crime enquanto uma força objetiva que opera de acordo com as leis que governam os fenômenos naturais, da mesma forma que os tremores de terra secundários – e não como uma categoria construída socialmente que tem significado apenas

num contexto social específico –, ignora a racialização *a priori* do crime e, especificamente, sua associação à negritude. Em *The Condemnation of Blackness: Race, Crime and the Making of Modern America* [A condenação da negritude: raça, crime e a produção da América moderna], o historiador Khalil Gibran Muhammad traça como “no alvorecer do século XX, quando os Estados Unidos passavam por rápida industrialização, urbanização e mudança demográfica, a negritude foi remodelada por estatísticas criminais. Por meio da criminalização racial, ela se tornou uma categoria racial mais estabilizadora do que a da branquitude.”²²⁹ Muhammad descreve como os dados foram usados principalmente por cientistas sociais do Norte para fazer a combinação entre negritude e criminalidade parecer objetiva e empiricamente sólida, justificando, assim, uma série de práticas sociais antinegro, como a segregação, a violência racial e o confinamento penal. A consolidação dessa noção “científica” da criminalidade negra também permitiu que populações de imigrantes anteriormente criminalizadas – como poloneses, irlandeses e italianos – fossem assimiladas à categoria da branquitude. À medida que os estadunidenses negros foram patologizados pelo discurso estatístico, a população se tornou cada vez mais simpática aos problemas dos grupos étnicos europeus. Em oposição a deficiências pessoais ou a uma inferioridade inata, a participação dos brancos em atividades criminosas passou a ser atribuída às desigualdades estruturais e à pobreza. De acordo com Muhammad, o censo de 1890 lançou muitas das bases para essa ideologia. Ele descreve como as estatísticas sobre as taxas mais altas de prisão entre os negros, particularmente nas penitenciárias do norte, foram “analisadas e interpretadas como a prova definitiva da verdadeira natureza criminosa dos negros”.²³⁰ Assim, o racismo biológico e cultural acabou sendo substituído pelo racismo estatístico.

229. Khalil Gibran Muhammad, *The Condemnation of Blackness: Race, Crime, and the Making of Modern Urban America*. Cambridge: Harvard University Press, 2010, p. 5.

230. *Ibid.*, p. 37.

Embora os métodos desenvolvidos pela PredPol não sejam explicitamente racializados, eles o são de maneira implícita, na medida em que a geografia funciona como substituta da raça. Além disso, dado que o crime foi historicamente racializado, assumi-lo como uma categoria neutra – ou, antes, *natural* –, em torno da qual se organizam as práticas do policiamento preventivo, provavelmente reproduzirá os padrões racistas do policiamento. Uma vez que o PredPol se baseia nos dados de localização de crimes que já ocorreram e que a polícia está mais propensa a policiar bairros que são habitados majoritariamente por pessoas de cor (e a torná-las alvo de buscas e apreensões), os próprios dados nos quais o PredPol se apoia são sistematicamente viciados. Ao apresentar seus métodos como objetivos e racialmente neutros, a PredPol esconde como os dados e as categorias em que se baseia já estão moldados pelo racismo estrutural.



Conclusão

A história do policiamento no século XXI não pode ser reduzida à imagem estereotipada de policiais belicosos e idiotas em busca de oportunidades para pegar bandidos e exibir seu poder institucional. Como disse o diretor de desenvolvimento de negócios da PredPol, Donnie Fowler, no *Silicon Valley Business Journal*, o policiamento do século XXI poderia ser mais bem descrito como “uma história sobre nerds e policiais”.²³¹ No entanto, mais do que uma história de um casamento improvável entre professores de processamento de dados e policiais que combatem o crime, a história do policiamento algorítmico, e do PredPol em particular, é também de íntima colaboração entre a polícia nacional, a universidade, o Departamento de Defesa, o Vale do Silício e a mídia. É a história de uma forma de tecno-governança que opera na intersecção entre o conhecimento e o poder. No entanto, a abordagem numérica e baseada em dados encampada pela PredPol foi adotada em vários setores. Tanto nas

231. Lauren Helper, “Coders vs. Criminals: PredPol Seeks to Scale Its Crime-Prediction System”, *Silicon Valley Business Journal*, 6 de dezembro de 2013.

finanças quanto no policiamento, houve uma reviravolta nas soluções técnicas adotadas para o problema da incerteza, soluções estas que buscam gerenciar o risco com o uso de modelos matemáticos complexos e não transparentes. Ainda assim, embora a linguagem do risco tenha substituído a linguagem da raça, tanto as finanças ajustadas ao risco quanto o policiamento algorítmico simplesmente codificam a desigualdade racial dentro do risco. É importante prestar atenção a essa mudança de paradigma, pois, uma vez construída a “infraestrutura carcerária digital”, será quase impossível desfazê-la, e o estado de vigilância carcerário automatizado se espalhará por todos os lugares, fazendo incursões cada vez maiores em nossos cotidianos.²³² Não apenas o estado “inteligente” terá um conhecimento mais granular de nossos movimentos e atividades, mas também, à medida que o estado carcerário se tornar mais automatizado, ele aumentará sua capacidade de processar um número cada vez maior de pessoas, mesmo quando os orçamentos estiverem estagnados ou forem cortados.

Embora seja necessário identificar o lado invisível e algorítmico (ou “cibernético”) do policiamento, é importante reconhecer que o policiamento algorítmico não substituiu o policiamento repressivo, mas é seu corolário. O “*soft control*” não substituiu as formas duras de controle. A polícia se tornou mais militarizada do que nunca como resultado dos US\$ 34 bilhões em subsídios federais que foram distribuídos aos departamentos de polícia pelo Departamento de Segurança Interna após o 11 de setembro. Enquanto o policiamento repressivo tenta responder a eventos que já ocorreram, o policiamento algorítmico tenta manter a lei e a ordem a partir da prevenção ativa do crime. É possível, porém, que este último crie, na prática, uma situação que leve à multiplicação das ameaças ao invés da conquista da segurança? Como as práticas de policiamento preditivo são adotadas pelos departamentos de polícia locais em todo o país, talvez devamos considerar, como escreve o Tiqqun, que “a sociedade de controle é uma sociedade paranóica”.²³³

232. R. Joshua Scannell, “Broken Windows, Broken Code”, *Real Life*, 29 de agosto de 2016.

233. Tiqqun, “L’hypothèse cybernétique”, p. 57.

